

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistador: William Peçanha da Silva

Entrevistada: Antonia Soares da Silva

São Paulo, 19 de junho de 2021

Realizada presencialmente

Peregrinos Brasileiros: A jornada dos migrantes nordestinos que construíram São Paulo

William: Oi tia, tudo bom? Você pode começar se apresentando, falando o seu nome e tudo...

Antonia: Tudo, meu nome é Antonia Soares da Silva.

William: Certo. E você podia começar falando onde você nasceu, quando e falar um pouco da sua família também.

Antonia: Nasci no Pernambuco, no ano de 1949. Fiquei quatro anos, com idade de cinco anos nós viemos embora pra São Paulo, atrás de melhorias. Porque lá ninguém tinha terra pra plantar, pra sobreviver, então a gente veio aqui pra São Paulo atrás de lugar melhor pra plantar, pra poder sobreviver. Mas mesmo assim vivia como na escravidão, trabalhava de à meia com o patrão, com fazenda. Plantava arroz, feijão, mandioca, tudo que você pensasse estava plantando, de tudo. Até colônão a gente plantava. Eu com idade de cinco anos já ia pra roça trabalhando. Carregava aquelas mudas de colônão pra plantar, quando era de tarde tava com as mãozinhas todas rasgadas da folha de colônão, que ela era afiada e cortava as mãos. O meu irmão João era menorzinho. Então eu dos três mais novos eu era a mais velha e trabalhava junto com meus dois irmãos mais velhos. E trabalhando, ajudava papai. Papai arava a terra e a gente ia atrás plantando o colônão. Pro patrão, que o colônão era pro gado comer. Depois nós íamos pra outra fazenda pra plantar arroz, feijão, mandioca, algodão, de tudo, milho... depois colhia tudo e dividia com o patrão. Tinha que dar em três partes, tinha que dar o que ele tomou emprestado pra plantar, dividir com o patrão, e ficava o que restava era pra nós. Então sobrava quase nada. Aí tinha que pegar daquele pra plantar de novo... aí ficava dois anos numa fazenda e ia pra outra fazenda pra plantar novamente, procurando um lugar melhor, onde tinha terra, onde o fazendeiro ficava de acordo com a gente, com nós, com papai, e nós continuava plantando. Nossa vida foi assim. Não ia pra escola, só trabalhando na roça. Papai sempre foi um homem trabalhador e honesto. Muito trabalhador mesmo, e honesto. O que era dele era dele e o que era dos outros era dos outros, sempre assim. Tinha os defeitos dele, mas tinha as qualidades também. E era sempre assim a nossa vida. Pegava o pau de arara, que não tinha como viajar. Era pau de arara.

William: Aqueles caminhões, né?

--	--	--

Antonia: Pau de arara era o caminhão. Caminhão coberto de lona por cima, eles colocavam bancos, e amarravam ali e o pessoal ficava tudo ali. Ninguém podia carregar móveis, era só saco, que não tinha mala, com roupa, panela, essas coisas. Pra onde ia, a mala que tinha era panela, roupa, essas coisas. Móveis não podia levar pra lugar nenhum. Chegava lá fazia casa de pau a pique na fazenda, rebocava de barro, fazia umas prateleiras de madeira, e a gente ia vivendo. Quando morava perto de algum rio, a gente ia pescar. Papai caçava. Tudo pra sobreviver. Sobrevivência. Era aquela época. E aí a vida foi toda assim até os meus dezessete anos. A vida todinha foi em roça, foi assim, de um lado pro outro. Encontrava fazendeiros bons também que queria ajudar a gente, mas papai já tinha uma opinião que não queria ajuda, ele era assim. Porque ele não queria ficar plantado ali. Só que aí uma coisa que me chateia muito é que a gente nunca pode estudar. Mas graças a Deus nós estamos bem. Sobrevivemos, né? Estamos aqui e não podemos reclamar da sorte não, porque quem tem fé em Deus, você consegue as coisas. Quem anda honesto, você consegue. É isso aí.

William: Essa vida que vocês levaram foi tanto lá em Pernambuco como aqui em São Paulo, no caso? Você disse que você pra cá com cinco anos.

Antonia: Como eu falei, viemos do Pernambuco pra cá pra São Paulo. Depois de certo tempo que ficamos aqui, quando eu tinha mais ou menos meus oito anos, nós voltamos pro Pernambuco de novo. Aí do Pernambuco viemos pra Goiás, plantar roça em Goiás. Plantamos roça na Goiás, voltamos novamente pro Pernambuco, voltava de novo pra Goiás e de Goiás nós viemos aqui pra São Paulo, de novo. E isso em Goiás era de fazenda em fazenda. Ficamos dez anos em Goiás, era de fazenda em fazenda, trabalhando. Até que paramos em Anápolis, aí foi quando eu tive uma chance de entrar na escola. Tive a chance de entrar na escola pra aprender alguma coisa, mas logo já foi a chance de meu pai chegar e, vamos pra São Paulo. Aí viemos pra São Paulo. Chegamos aqui... é que se eu for contar a história, é muito. Dá um livro e um filme.

William: É, mas se você puder contar bastante coisa... Eu tenho interesse em saber. Que é pra isso mesmo que eu estou aqui, pra ver os detalhes mesmo, pra conhecer mais sobre a família mesmo.

Antonia: Vixe, menino do céu, não fale uma coisa dessas! Contar a história dos meus irmãos... Os meus irmãos também era tudo trabalhador. Sempre foram pra roça, enfrentavam tudo que papai botava pra fazer. Era Francisco, José, eu, Maria e João. João era o caçulinha que também enfrentava a roça. Ia pra roça, não importa a idade que tinha. Enfrentou a roça, desde os sete anos de idade ele foi pra roça também. Só que onde tinha escola, que podia estudar, os meninos podiam estudar, mas as meninas não podiam. Era proibido as meninas entrar em escola, ele não deixava. Até que era desse jeito. Nós estávamos na fazenda do Seu Profiro, que é em Goiás, depois a minha avó veio atrás, ficou no Paraná, aí escreveu pro meu pai buscar ela. Ele foi buscar. Aí foi só chegar em Goiás, viemos pra fazenda de Seu Oderico, fomos pro Pernambuco de novo. Aí de lá tornamos a vir pra Goiás novamente, deixamos a minha avó lá e viemos embora pra cá. Atrás de melhorias, de sobrevivência realmente.

--	--	--

Porque lá a gente não tinha terra pra plantar. E também se tivesse, não chovia lá pra nascer, pra dar o fruto, que você plantava. Arroz, feijão, milho que plantava lá não nascia, porque não chovia. Como até hoje, é difícil chover. Então vinha embora pra cá. Passamos muitos bocados, muitos tempos ruins, no começo a gente realmente às vezes não tinha nem o que comer. Pegava restinho de roça que os outros tinham deixado como milho já queimado de fogo, socava lá pra comer, plantava abóbora, aquelas aboboronas grandes que dizia que era pra porco, mas servia de alimento pra nós. Nós passamos uns maus... assim, sabe, mas ficar sem comer realmente a gente nunca ficou. Porque tinha que correr atrás de alguma coisa. Tudo de... que a gente fala tamboeira, tamboeira é pedaço, é milho, espiga de milho já jogada na roça. E mandioca também, pegava aqueles pedaços e levava pra casa pra fazer farinha pra comer. Nossa vida foi assim, bastante puxada, mas nós estamos vivos até hoje. Ninguém virou marginal, estamos todos bem. Lá... ficamos bem. Não estudamos, mas também não viramos coisas ruins. Aprendemos com a vida. O que é sobreviver, o que é plantar, colher, pra comer e sobreviver, e ensinar pros filhos de hoje. Só que minhas filhas hoje em dia eu coloquei na escola. Jamais eu queria que minhas filhas ficassem sem estudar. Não estudaram mais porque realmente não quis e a nossa possibilidade não tinha como botar elas pra estudar uma faculdade. É isso. Mais alguma coisa?

William: Certo. E... ah, sim. Em Goiás o clima era bastante diferente de Pernambuco?

Antonia: Ah, completamente diferente porque aí já chovia mais, já tinha mais terra pra plantar, apesar de que a terra não era nossa, era do fazendeiro, a gente plantava e depois que plantava a gente tinha fartura. Como... já chegava lá, já tinha bananeira, tinha banana, tinha a mandioca, a gente fazia farinha, já tinha da onde tirar o mel também, o mel de abelha. Às vezes tinha o fazendeiro que fazia cana, fazia mel. Aí nós também começamos a plantar cana, já tinha cana também pra fazer o mel. E rapadura. Da mandioca a gente fazia a farinha. Aí não comprava farinha, não comprava feijão porque a gente tinha. Aí foi vivendo assim, foi tendo mais fartura porque a gente tinha. Plantava e quem planta tem fartura. É só trabalhar. É só querer trabalhar.

William: Sim. E o clima lá era bem melhor, bem mais propício do que em Pernambuco, que é bem mais seco, né?

Antonia: Como?

William: O clima lá era bem melhor do que em Pernambuco, que é mais seco, né? Então...

Antonia: Sim. O clima tanto lá em Goiás como em São Paulo foi melhor, porque chovia, já tinha a terra molhada, melhor de plantar. No Pernambuco não chovia, a gente passava fome, você plantava e não produzia nada, porque o feijão já murchava, a varginha já murchava, não dava caroço, não dava nada, então... E outra, quando ficava doente era difícil se curar. Então vinha mais pra cá... Fomos criados assim. De Goiás pra São Paulo, de São Paulo pra Goiás e fomos vivendo assim.

--	--	--

William: E os seus cinco primeiros anos, você passou todos em Pernambuco, né?

Antonia: É.

William: Como é que foi vir pra São Paulo da primeira vez, assim?

Antonia: Da primeira vez foi assim... Eu me lembro que eu tinha de quatro pra cinco anos. Aí um pessoal lá falou assim, “ó, vamos pra São Paulo”, porque o parente de Roldão, que é tio de Roldão, já estava aqui em São Paulo. Então... Papai já trabalhava com eles. Aí chegou lá e falou assim pra minha mãe, “vamos embora pra São Paulo”. E o João, meu irmão que era pequenininho, chamava o papai, “vamos embora pra São Paulo, papai”. Né, que ele tinha um probleminha de saúde. Era muito magrinho. Aí nós viemos embora pra São Paulo, pegou um pau de arara, pau de arara quebrou no caminho. Aí lá vai que nós chegando numa estação que eu não me lembro agora, não me recordo, que aquela época eu tinha o que, cinco anos? Não lembro direito. Pegamos o trem, aqueles trens de carga, e quando foi no meio do caminho, entre Paraná e alguma estação que eu não lembro, o trem quebrou, descarrilhou. Saiu a roda do trilho. Aí foi preciso todo mundo parar, num lugar ruim, um brejo que só tinha formiga. E as formigas mordiam nós, e mamãe se apegava com Deus, e chamava papai de maluco... E nós ficamos ali até chegar uma máquina e puxar o trem pra botar na linha, pra poder a gente sair. E João pequenininho no colo, e nós tudo mordido, as pernas todas mordidas de formiga, não esqueço disso. Até que uma máquina veio e arrumou o trem, e nós fomos e acabamos de chegar. Aí descemos lá e papai foi procurar fazenda, até chegar na Fazenda São João, que é em São Paulo, aí nós ficamos pra lá. Aí ele pegou um outro caminhão, que veio pra cá, aí nós fomos pra lá, chagamos pra trabalhar na roça, na fazenda. Aí fomos plantar. Eu pequeninha já fui pra roça, não pegava na enxada porque a enxada era pesada pra mim, então eu ia de mão pra arrancar os matos. Aí plantava algodão, a gente plantava o algodão e depois que a semente nascia, quando ele tava mais ou menos com uns trinta centímetros, a gente ia ralar. Arrancava os pés de algodão mais feios pra deixar os mais bonitos. Até ele crescer e dar algodão e depois a gente colhia o algodão. Os casulos, nascia o algodão branco, e a gente depois catava. Como o arroz também, né. Catava tudo de cacho, que não podia arrancar, por causa que as minhas mãos eram pequeninhas pra pegar, então cortava os cachos do arroz. E o feijão também arrancava, aí batia o feijão, pra colher, tudo era assim. Desde pequeninha trabalhava na roça. E a nossa vida foi essa assim, de roça em roça.

William: Então vocês vieram primeiro pra região rural aqui de...

Antonia: De Pernambuco. Viemos de Pernambuco aqui pra região de São Paulo.

William: Pra trabalhar no campo aqui, não pra cidade.

Antonia: Trabalhar no campo. É sim, realmente, trabalhamos no campo aqui em São Paulo, chama Fazenda São João. Depois tinha uma fazenda inglesa que nós trabalhamos de uma

--	--	--

fazenda na outra, ali. Depois, aqui ele colheu tudo o que tinha, vai de novo pro Pernambuco. Era assim, A primeira vez. Depois viemos pra Goiás. Quando viemos pra Goiás também viemos no pau de arara, mesma coisa.

William: Era o transporte daquela época, né?

Antonia: Tudo era pau de arara.

Roldão: O que é pau de arara?

Antonia: Falei, o pau de arara é um caminhão coberto de lona e umas bancadas de madeira. Roldão também tem um bocado de coisa pra contar, se você quiser que ele fale alguma coisa...

William: Da próxima vez pode ser. Então, pra você chegando em São Paulo, aqui...

Antonia: Da última vez agora?

William: Quando vocês vieram pra cidade, é.

Antonia: Aí quando nós viemos agora de Goiás pra cá a última vez, nós viemos e ficamos em São Miguel Araguaia, em São Miguel Paulista. Aí ficamos lá em uma cabana, que era até do lado dos irmãos da freira, em Vila Alpina. Aí depois todo mundo arrumou emprego, começou a trabalhar, eu fiquei logo doente do ouvido, começou a criar um... um tumor, estourou, não sei. Mas como a gente não tinha informação, a gente foi no colégio das freiras e elas cuidaram de mim. E eu queria ser freira, entendeu? Mas aí papai não deixou também. E eu também não tinha possibilidade porque eu não tinha estudo. Aí depois nós, papai comprou uma casa em São Miguel Ara- em São Miguel Paulista. São Miguel Araguaia porque nós moramos em São Miguel Araguaia também. Um lugar ruim... Pode contar lá?

William: Pode.

Antonia: Antes de São Paulo agora nós viemos de Goiás mesmo, se chamava São Miguel Araguaia. Um lugar tão ruim, mas tão ruim da gente morar, que nem avião passava por cima. Aí fomos tocar roça lá também. Aí lugarzinho ruim, só tinha cobra, é um lugar que nem pantanal, já foi pantanal lá. Cobra, onça, jacaré, tudo que você imaginar, sucuri que tinha no rio, e a gente ficava lá trabalhando e muito cuidado pra sucuri não ir lá e a gente não ir pro córrego e a sucuri engolir a gente. Tinha um medo! Aí papai falava “tu fica atenta!”, aí ia eu, João e Maria pra beira do rio pra pescar. Nós pescávamos lá, nós não via a hora de pescar os peixes, e levava pra casa pra comer, entendeu? E meus irmãos achavam ruim, achavam que pescar era coisa só de macho. Mas eu armava arapuca, eu pescava mais João, levava os peixes pra casa, tratava e a gente tinha peixe e pássaro pra comer na semana. E papai às vezes ia caçar de noite, pra matar um bicho maior que nem um veado, anta, essas coisas né. Que

--	--	--

nem índio também, só pra sobreviver. Não era pra esporte, só pra sobreviver mesmo, sobrevivência, como capivara, jacaré, ele matava e a gente comia. Até tartaruga a gente matava e comia. Era muito bom. Vivia, né. Foi vivendo. Era só querer. Era só pra sobreviver mesmo. A gente não matava pra, dizer assim, esporte, não. Era só pra comer, a sobrevivência. E eu sempre fui assim, que nem uma menina que nem menino mesmo, sabe, eu que atirava de estilingue, eu cavava pra pegar tatu, levava tatu pra casa... De noite, ia de noite, nós íamos de noite pro mato, enquanto papai ia pra outro lugar, e meus dois irmãos mais velhos gostavam de passear. E ia eu e João e Maria atrás de tatu de noite, e tinha um cachorro que era muito bom, quando ele acuava o tatu a gente corria lá e cavava o buraco. Teve uma vez que eu cavei um buraco, mas cavei tanto um buraco que o buraco quase cobria eu, e eu não consegui pegar o tatu, mas não era um tatu, era um peba. O peba cava pra baixo e o tatu cava reto. Aí daqui a pouquinho o cachorro latiu apressado, daí nós largamos aquele buraco e fomos pra outro. Quando chegamos lá o cachorro estava avançando, cavando, cavando, aí eu coloquei uma cavadeira na frente do buraco e falei “João, você fica vigiando aí que eu vou cavar na frente”. Aí João ficou vigiando aqui, e eu fui cavar lá na frente. Aí deu de cara com o tatu, aí o tatu voltou, João pegou o tatu e já virou, já matamos o tatu e fomos pra casa. Já dava pro almoço no outro dia. Era assim. Aí, nós vivíamos da caça. Tudo, fazia, era só ter coragem. E aquela época eu tinha doze anos. De doze pra treze anos eu já tinha essa época que eu fazia isso. Ia pescar, ia caçar, mais o João e a Maria, que era menor, né. Aí fomos pra lá. Daí a última vez nós viemos pra cá. Quando nós chegamos pra cá eu já tinha meus dezessete anos. Aí fomos morar, quando eu ia, voltei a falar, na Vila Alpina, aí nós estávamos morando em São Miguel Paulista, aí papai estava atrás de uns parentes dele, que moravam aqui em São Paulo, e mamãe levava os meus irmãozinhos pra fazer, levava o Luís, o João e a Cida, pra se tratar nas clínicas. Aí lá tinha uma pessoa, que a enfermeira veio entregar copinho descartável pras mulheres beberem água, pra dar pras crianças beberem água, aí as duas mulheres se abraçaram. Se abraçaram e nossa, foi a maior alegria do mundo. A enfermeira pensou que era briga e falou “não, calma que tem copo pra todo mundo aqui”. “Mas não é não, é que a gente está se vendo aqui depois de tantos anos!”. E se abraçavam as duas e aí começaram, aí uma foi dar endereço pra uma, foi dar endereço pra outra, gente daí da Vila Piauí. Aí viemos de São Miguel Paulista, viemos pra cá fazer um passeio pra conhecer o pessoal, aí acabamos papai vendendo a casa lá e comprando aqui na Vila Piauí. Aí quando nós se encontramos, todo mundo. Aí eu continuando com nós trabalhando, todo mundo se ajuntava pra pagar a casa. João com a caixinha de engraxate dele, carregava bolsa nas feiras pras donas lá, ele fazia os carretinhos dele, ele fazia, e chegava e entregava tudo o dinheiro pra mamãe. Aí nós trabalhávamos de empregada doméstica, dormia no emprego, chegava e entregava tudo o dinheiro em casa pra pagar a casa. Aí um dia nós viemos ver, aí encontrei Roldão, que hoje é meu marido. Aí mamãe falou assim, “ó, dá bença pra ele que ele é teu tio”. Aí ele falou “que bença que nada!”. Já botou os zoião neu, já quis. Aí depois partiu pra namorar, e eu já não queria namorar, só queria trabalhar, eu estava trabalhando e estudando, eu queria ser alguém. Eu estava estudando escondida do meu pai que ele não deixava nós estudar. Aí eu e Maria estava estudando. O João já estava na escolinha dele, o João, a Cida e Luís já estavam estudando, já eram maiorzinhos e estavam estudando. Todo mundo na escola. E eu mais Maria estudava. Trabalhava, mas as patroas botavam nós na escola e iam na reunião também,

--	--	--

pra fazer nós estudar. Aí até que um dia eu saí e aí Roldão foi pedir pra namorar comigo. Primeiro foi pedir pro meu pai pra casar comigo, pra namorar, papai disse assim “não, pra namorar não, o que tem que ser é que tem que casar logo”. Aí estou aqui até hoje. Aí depois a família dele não queria o casamento. Aí foi aquele vai e vem, vai, vai, casa ou não casa, depois meus irmãos foram contra, os dois mais velhos, foi contra. Aí papai foi contra, não queria. Depois Roldão, um dia Roldão falou assim pra mim, na sexta-feira da Paixão, encontramos lá na procissão da sexta-feira da Paixão, aí ele veio perguntar pra mim se eu gostava dele e se eu queria casar com ele. Aí falei “eu casar? Eu não quero casar, eu estou estudando, estou trabalhando, eu não quero casar não”. “Não, mas se você falar aqui e agora que não gosta de mim nem um pouquinho pode falar, que eu vou arrumar a minha mala se é que eu tenho e vou embora, porque já é a sétima vez que eu gosto de uma moça e minha mãe não gosta, pra casar”. Aí eu falei “ah é?”. “É”. Falei “então arruma os papéis que nós casa”. Aí ele foi lá, arrumou os papéis, pegou os documentos. O meu irmão mais velho escondeu os documentos, com medo de eu fugir com ele, aí um dia eu falei pro meu pai, “Francisco escondeu os meus documentos, achando que eu vou fugir. Eu não vou fugir. Eu vou mostrar pra vocês, vou casar vestida de noiva e vou sair de dentro de casa aqui vestida de noiva, que o meu sonho foi esse”. Desde os treze anos que eu tinha o sonho de casar vestida de noiva. E foi assim. Aí as primas de Roldão começaram a arrumar o namoro, daqui, dali, elas arrumaram o vestido de noiva. Aí foi indo e fizemos. Aí Roldão foi lá, pegou os papéis, os meus documentos, o registro, e já deu entrada no casamento, e nós fomos. Casamos. No civil, e depois na igreja, vestida de noiva. Foi meu sonho. Aí fomos morar em Itaim Paulista. Aí de Itaim Paulista, ele ganhou uma casa pra morar durante uns seis meses. Nós ficamos um ano e seis meses nessa casa sem pagar aluguel. E Roldão funcionário da Prefeitura. O que ele ganhava não dava pra nós pagarmos aluguel e não dava pra nós sobrevivermos. Quando eu fui fazer os exames pra entrar na Prefeitura também, que já tinha uns três meses de casados, aí nos exames deu que eu estava grávida. Estava grávida. Mas eu ia continuar trabalhando e ele não deixou, que não tinha, depois ia nascer o neném, e não tinha onde deixar e nem com quem deixar. Aí não voltei a trabalhar mais. Aí de lá nós voltamos pra Vila Piauí. Nossas coisas ficaram do lado de fora, porque minha sogra não quis aceitar. Ela não quis aceitar nem eu, não queria aceitar nem ele, não queria aceitar ninguém. Alugou o cômodo da casa e não deixou nós morar. Ficamos na casa ali, eu dormindo na casa da minha mãe, e Roldão dormia lá na área da casa, lá. Aí depois, até que... Deus tocou no coração dela e viu que tinha que ocupar um cômodo pra nós morar. Aí meu tio que é o irmão de mamãe chegou e falou com meu primo assim, que era ele que estava morando na casa, “você sai daí, desocupa, e Roldão vai morar na casinha dele, pelo menos um cômodo”. Isso deu caso de polícia, porque ela não queria desocupar o lugar pra nós. Aí nós fomos morar nesse cômodo. Fomos morar nesse cômodo aí, aí depois, disse que deu caso de polícia, deu um bafafá que só Deus é que sabe briga como é que é, nem vou contar porque é ruim, é triste. Depois nós viemos pra cá, Roldão pegou e falou assim “vamos arrumar um terreno da Prefeitura pra nós cuidar e vamos morar lá?”. Vamos. Aí viemos pra cá. Aí chegando aqui, como eu já sou da roça, e Roldão trabalhava na cidade, aí Roldão trabalhava na cidade e eu vi tanta terra vazia aí, que eu mesma comecei a carpir o terreno, e ele passava no lixão da Vila Guilherme que tinha arroz, tinha feijão, tinha milho, tinha maniva de mandioca, tinha chuchu, tinha tudo, falei, “traz, que

--	--	--

nós vamos plantar aqui”. Aí trazia de lá, botava nas sacolas e trazia pra cá. E chegava aqui tinha terra plantada, não era? Tinha terra limpa, aí já plantava o chuchu, já plantava a mandioca, já plantamos o milho, feijão... Aí eu não comprava o feijão, não comprava mandioca, farinha, que eu fazia farinha da mandioca, e fomos sobrevivendo. Aí como tinha milho nós começamos a comprar galinha, pra ajudar, pro gasto. Aí nós começamos a ter fartura aí e não precisamos depender mais de ninguém, porque o salário dele não dava pra pagar um aluguel, e nem dava pra fazer uma compra assim, pra casa. Aí depois começou veio a Simone, a Sandra, a Tânia, nós viemos pra cá com elas pequenininhas. Aí nós sobrevivemos, estamos aqui. E eu gosto de morar aqui e gosto de plantar, só que agora acabou o terreno e não tenho como plantar mais. Na junção da Erundina invadiu tudo, e nós estamos aqui.

William: Naquela época que vocês vieram pra cá, a região era muito rural ainda, né? Não tinha muita casa.

Antonia: Era, muito rural sim. Tinha bastante terra pra plantar. E nós plantávamos, aquela parte de baixo onde é o campo de futebol tudo foi plantado. Aí Roldão trouxe porco, nós começamos a cuidar dos porcos. Depois tivemos umas vaquinhas também, pudemos cuidar das vacas, as vacas davam leite... Dava trabalho, mas enquanto você não tem trabalho, você não tem nada. Pra isso você tem que ter trabalho senão não tem alguma coisa, tem a fartura, né? Aí tinha as vaquinhas, tirava leite das vaquinhas, quando era no Natal já tinha carne pra comer pra todo mundo, do porco, galinha, tudo que tinha aí. Da gente, pra sobreviver mesmo, também, né? E já vendia um pouquinho, já ajudava no orçamento de casa. Aí já tinha minhas professoras das escolas, que já eram minhas freguesas, que compravam o milho, uma verdura, uma mandioca, essas coisas assim, sabe? Aí eu me dei bem com todo mundo aqui, graças a Deus não tive inimigo. Tinha escola. Coloquei minhas meninas na escola. Eu fui voluntária na escola pra ajudar também. Assim eu estava perto delas, e ao mesmo tempo eu estava perto da minha casa, podia fazer as coisas de casa. Eu tinha muito... muita energia. Muita energia e muito... eu não parava. Eu trabalhava na roça, cuidava de minhas filhas, e ainda era voluntária nas escolas e... tinha minhas freguesas, milho, mandioca, verdura, tudo que tinha, as professoras me ajudavam.

William: Certo. E aqui em São Paulo, eu sei que naquela época tinha muita discriminação com quem era do Nordeste. Você chegou a sofrer discriminação da população local, do pessoal que já era natural daqui do estado?

Antonia: O que, eu não entendi.

William: Se o pessoal que era natural daqui de São Paulo tinha discriminação contra gente que veio do Nordeste.

Antonia: Ah sim, sempre teve sim, sabe? Principalmente em casa de patroa que a gente tinha as meninas, que aí já falava “a roceira!” é isso, roceira pra cá, roceira pra lá. Aí eu respondia

--	--	--

pra ela “Sim, nós somos roceiros. Enquanto você estava na escola estudando, nós estávamos na roça plantando feijão e arroz pra vocês comerem aqui”. Era a única coisa que nós podíamos responder pra elas. Como até o próximo diretor aqui, que uma vez veio brigar comigo, e eu respondi pra ele, ele falou “ah, eu sou advogado porque eu estudei, na medida que o possível, eu comi uma vez pra poder estudar”. “Sim, você comia uma vez, pra poder estudar, mas enquanto você estava comendo e estava estudando, não se esqueça de que eu na roça também trabalhava, o feijão, a mandioca, o milho, tudo o que você comia é o que nós planávamos na roça”. Então você vem falar porque era do Nordeste, que nós éramos discriminados, então a gente tinha que ter a resposta pra dar pra eles também. Abria a boca e falava isso pra eles, né. Só não gerava briga, mas... acabavam ficando calados e deixavam a gente falar, porque eu sempre fui assim, fui matraca.

William: E você sente que melhorou hoje?

Antonia: Ah sim, melhorou bastante, porque, sabe porquê? Veio muita gente do Nordeste pra cá. Agora tem muita gente, né. Agora tá “ô baiano” pra cá, “baiano” pra lá, “tudo bem, baiano” e isso vai levando na brincadeira. E isso foi passando. Porque é só assim mesmo, não se leva à briga, não vai brigar, não vai puxar a faca pra ninguém, não. Fala “ô, você é Nordeste, eu também sou. Você é da roça, eu também sou”. Eu trabalhei muito na roça e estou aqui, estou viva.

William: E na questão da cultura, assim, que lá no... você vem de Pernambuco, é uma cultura bastante diferente da que tem aqui, não é?

Antonia: Ah, no Pernambuco melhorou bastante agora que eu estou sabendo. Já fui lá também depois de adulta, já fui lá e melhorou bastante mesmo também. Já tem casa de alvenaria, não é mais aquelas casebrinha não, feitas de pau a pique, agora tem casa, tem escola. Mesmo lugar que eu nasci, mesma cidadezinha que eu nasci, agora lá tem escola, tem prefeitura, tem mais alguém, tem cultura lá agora, sabe? Tem museu, tem a igreja reformada. Todo mundo tem casa agora, melhorou bastante lá.

William: Sim. Eu queria saber assim, se você, sendo de lá e vindo pra cá, você sentia falta de alguma coisa assim na questão de festas, assim, essas coisas, que lá é diferente a cultura um pouco daqui de São Paulo, né?

Antonia: É. Realmente. Lá tinha festa, mas as festas que tinha lá a gente era proibido de frequentar. Às vezes ia um circo pra lá, mas a gente não podia, não tinha como pagar pra entrar pra assistir. Às vezes a gente furava uma fila, tinha uma pessoa ou outra que entrava, a gente entrava por debaixo da saia de uma tia, e ia assistir também. Era assim, era pequenininha, se enfiava debaixo da saia da tia ou a madrinha lá e elas pagavam a passagem delas e a gente entrava debaixo da saia delas e passava pra lá. Era assim que às vezes a gente assistia um circo ou alguma coisa lá. E festa era ao ar livre, como uma festa junina. A festa junina aí sim era ao ar livre, então a gente podia participar, mas festa em lugar fechado a

--	--	--

gente não tinha condições de entrar, era proibido. Mas festa não, meu pai não deixava a gente frequentar festa. Uma menina assim, criada só da roça pra casa e de casa pra roça. Nunca fomos de frequentar festa, e essas coisas nunca me fizeram falta não, graças a Deus. Não sei se é porque não tinha a liberdade de ir em festa, então a gente não tinha, não tinha assim... sentir falta de festa, não. Nunca fui de andar em festa.

William: Mas nem a música assim te fazia falta de lá?

Antonia: Não, não. Não tinha não. A gente... depois aqui é que a gente comprou um radinho e ficava escutando as musiquinhas de lá, de Luiz Gonzaga, daquelas pessoas antigas, que as músicas que a gente sabia que era, aquelas de Luiz Gonzaga. Ir em baile pra dançar, não. Era proibido. Não podia.

William: Certo. Outra coisa que eu queria perguntar, é assim, São Paulo cresceu muito de lá pra cá, não é?

Antonia: Demais.

William: Como foi acompanhar tudo isso?

Antonia: Vixe, isso foi demais, Menino. São Paulo foi enorme que se você andar em São Paulo você se perde. Até quando eu estava aqui em São Paulo, que a mamãe queria ver a comadre dela em Goiás, que é lá em Anápolis, aí eu só me lembrava da Igreja Bom Jesus. Só. E do nome da fazenda que era Fazenda Jenipapo. E mamãe sempre falava que queria ver a comadre dela, que era a comadre Adélia, que queria ver eles. Aí eu falei “mamãe, eu vou descobrir. Eu vou descobrir onde que é e vou levar a senhora lá”. Aí como nós temos uns primos que moram em Goiânia, eu peguei endereço com o tio de Roldão e fui parar em Goiânia. E de Goiânia, fiquei na casa das minhas primas, aí eu falei pra minha prima assim, “eu vou lá em Anápolis”. Ela falou assim, “ah, mas você não vá não que você vai se perder”. Falei “Não, eu vou sim, do jeito que eu vou indo, o mesmo caminho que eu faço pra ir eu faço pra voltar”. Não tinha endereço, nada por escrito, certo? Só lembrava do nome da igreja, que era Bom Jesus, e uma outra igreja que nós morávamos lá que era São Sebastião, que é São Sebastião, e o nome da fazenda que é Jenipapo. E eu peguei o ônibus de lá de Goiânia, e vim pra Anápolis. Aí de Anápolis, lá chegando em Anápolis eu perguntei, “onde é que fica a Igreja Bom Jesus?”. “Ah, fica lá no alto, tal, tal”. Aí me explicaram como eu fazia pra ir lá, e eu fui. Aí chegando lá eu perguntei pra um pessoal que fica nos fundos da igreja que tinha uma rádio lá. Aí eles deixaram eu falar no ar. Não paguei nada, não marquei nada, eles só me puseram pra falar no ar que eu queria falar com Dona Adélia, falei o meu nome, o nome de meu pai e da minha mãe, que eu queria falar, mas aí... eles falaram assim, “mas tá meio difícil de você ir lá”. Aí mandaram eu pra outro lugar, mas eu não fui não. Aí chegando um rapaz de lá, falou assim, “a senhora quer ir na Fazenda Jenipapo?”. Falei “quero. Mas eu morei também na Igreja... pertinho da Igreja São Sebastião”. Aí ele falou “ó, entra aqui, pega esse ônibus que esse ônibus passa bem em frente à Igreja São Sebastião”. Aí eu entrei no ônibus,

peguei o ônibus, pedi pro motorista me deixar em frente à Igreja São Sebastião, aí ele me deixou em frente e aí chegando ali eu perguntei pra uma moça onde morava a Dona Adélia. Ah, e Seu Acácio. Todo mundo conhecia o Seu Acácio ali, que era dono de outras fazendas. Aí ela falou assim “ó, você desce aqui, e a casa de Dona Maria, mulher do Seu Acácio é essa dali, e de lá você vai lá na casa da Dona Adélia que fica do outro lado”. Fui na casa de Dona Maria, a Dona Maria me explicou aonde ia, a casa de Dona Adélia, e eu fui lá. Sem endereço, sem nada. Cheguei lá na... aí eu falei com Dona Adélia, quando Dona Adélia me viu, que achou que eu era a mamãe, “mas não pode ser, porque é mais nova! Está mais nova! Mas você” e aí me abraçou, e chorava, e aquela alegria mais linda do mundo. E eu feliz agradecendo a Deus por ter encontrado a casa delas, sem endereço, sem nada, só por nome. Aí encontrei ela lá, falei, “nossa, Dona Adélia, eu estou aqui, porque mamãe está tão aflita querendo lhe rever de novo, e está com saudade da senhora, e ela quer ver, e eu quero seu endereço por completo pra mim quando trouxer, trazer mamãe direto pra cá. Mamãe tá muito, muito querendo lhe ver”. Aí ela me levou na fazenda que nós morávamos, que não era mais deles, tirei foto de lá, nas casinhas, já tinha acabado as fazendas, nem tinha mais, era casa, já tinha invadido, estava cheio de casa por todo lado. Tinha alguns pedacinhos só de terra lá, que não tinha mais plantação. E o gado, não se via mais o gado lá e estava tudo, as casinhas das fazendas que estavam lá, os currais, os barracões onde as vacas ficavam ainda estavam lá, tudo caindo aos pedaços as casas, a casinha onde nós morávamos lá já estava caindo aos pedaços também. Falei “ih, meu Deus, acabou tudo”. Mais de trinta anos, né, trinta e... trinta anos fazia. Aí eu fiquei lá. Aí liguei pra minha prima, “oi, achei a casa da Dona Adélia”. “É mesmo, tu é doida!”. Eu falei “não, eu sou corajosa, que eu estou fazendo isso pra minha mãe, a mamãe merece”. Aí peguei, dormi lá, depois no dia seguinte eu fui pra casa da minha prima, aí logo não via a hora de vim pra casa, que é pra levar a mamãe lá. Aí, essa época... papai já tinha morrido, né, acho que papai já tinha ido. Aí fomos lá, seu Oderico estava lá, aí passando... aí depois eu vim embora. Aqui pra São Paulo, de Goiânia, aí depois passamos uns dias, nós fomos lá na casa de Dona Adélia. A mamãe ficou toda feliz porque eu tinha encontrado a casa de Dona Adélia, e ela queria, “ah, vamos!”. “Então vamos!”. Pegamos a viagem e viemos pra Goiás, pra Goiânia e de Goiânia nós viemos lá na casa dela. Mas quando essas mulheres se abraçaram, menino, que alegria do mundo! Que é a coisa melhor do mundo, falei, é um presente que eu tentei fazer pra minha mãe, sabe? Fiquei muito feliz, e sou feliz até hoje, por causa desse encontro, delas duas, sabe? Aí, nossa, foi muito bom. Foi muito bom, aí a gente continuou indo lá, continuou indo na casa da irmã de papai, que mora em Goiânia... Aí foi assim.

William: E os seus pais, eles são os dois de Pernambuco?

Antonia: Papai, todos os dois, nascidos no mesmo lugar.

William: Mesma cidade?

Antonia: Papai é de Garanhões, papai nasceu em Garanhões. E mamãe é de Pernambuco mesmo. É, tudo é Pernambuco, Garanhões é Pernambuco, é tudo pernambucano.

William: E eles moraram lá a vida inteira, antes de vir pra cá?

Antonia: É, moraram lá, casaram lá, aí depois quando teve os filhos vieram pra cá, começou essa mudança. Mas papai nunca parou, mesmo de... ele sempre saía de um lado pra outro pra trabalhar. A gente sempre foi assim, sempre foi viajante. Depois que ele casou, que ele teve os filhos, é que veio embora todo mundo pra cá.

William: Certo. E... a gente tem família espalhada pelo Brasil inteiro, né?

Antonia: Tem família esparramada por todo lado. Em Goiânia, que nem em Goiânia, morreu um bocado... os irmãos dele já se foi tudo, não tinha mais nenhum, tem um que mora em Pernambuco, que é João Salu, ele tá vivo ainda, né. É o caçula deles, os outros já se foram tudo, as irmãs, os irmãos, os outros já se foram. E a gente, nós temos parentes que moram em Brasília, outros moram mais em Goiânia, tem gente no Paraná. E tem um bocado lá pro Pernambuco ainda... e de mamãe só tem ela viva agora, os dela já se foram tudo. Mamãe é Ozeni Soares de Lima.

William: E você sente saudade do pessoal, né? Ou não?

Antonia: Não, sabe que eu não sinto saudade? Porque a gente foi morando assim de lugar em lugar. Eu sinto mais saudade de Goiás do que realmente lá de Pernambuco. Porque a gente não se criou lá. Se criamos mais em Goiás.

William: Sua criação foi mais em Goiás.

Antonia: Mais, a nossa criação foi mais em Goiás. Ali, apesar de que não saía pra passear, mas... A gente tinha pouca, como é que fala, diálogo, com as pessoas, com as meninas das fazendas, que era, a gente também era proibido de também passear na casa dos outros, ficava mais em casa. Então a gente não foi muito de passear, nem namorar, com garotinha, nem ter namoradinho ou assim... não. Era só de trabalhar. Só trabalhava, do trabalho pra casa e de casa pro trabalho. E aí de nós se o pai achasse, ah. Uma vez eu levei uma pisa danada, que as meninas da fazenda do outro lado, quando nós morávamos em Goiás, elas pediram pro meu pai pra deixar nós ir numa festinha, e papai deixou. E nós fomos pra festinha, eu e Maria, nossa, todas felizes, se arrumamos todinhas e fomos pra festa, que era aniversário de uma menina lá, chamava Rosa. Aí quando foi na segunda-feira, menino, só sei que um menino lá, que a gente conversava com, eles conversando com a gente, mas as conversas dos meninos, é perguntar assim “como é que você chama? Como é que seu irmão chama? Como é que seu pai chama?”. Era... a conversa era essa, de perguntar nome de pai, de mãe, de irmão, essas coisas, “que é que você faz?”, “eu trabalho na roça”. Era essas coisas. Mas na segunda-feira, meu pai arrancou o facão, arrancou um galho de mangueira, e deu no meu lombo, eu apanhei, sem saber o porquê. Aí o meu irmão mais velho falava assim, o nome do menino que conversou comigo chamava Olímpio, aí ele falava assim, debochando ele falava assim,

“Olímpio, bote no rabo chega limpa”, que papai me batia, batia com aquele chicote, não era um chicote, era um galho de mangueira mesmo. Aí apanhei por causa daquilo. Nunca mais eu queria sair, não, elas iam chamar, nunca mais eu queria sair de casa, de jeito nenhum. Pra mim, deixar eu sair no domingo, pra na segunda feira eu apanhar, eu não vou não. Preferia ir pro rio pescar. E eu fazia assim, eu ia pro rio pescar. Era... a nossa vida foi assim, eu e Maria, nós não saíamos pra lugar nenhum não, eu a Maria minha irmã a gente era ali em casa assim, ó. Pra falar a verdade, era eu, Maria e João, nós só andávamos juntos os três, por isso que até hoje nós somos mais assim, né. Andava os três. E os irmãos mais velhos já ganhavam a rua, fazenda, já iam pra outras fazendas com outros colegas, aí ficavam pra lá, e nós não, nós ficávamos em casa. Além de trabalhar na roça ainda trabalhava em casa, que alisava os alumínios, passar aquelas roupas com aquele ferro de carvão, limpar o quintal todinho com a vassoura de mato, pegava e varria tudo, e a gente trabalhava. Era assim. Trabalhava na roça, mas no sábado e domingo a gente limpava a casa todinha, pra minha mãe.

William: Você sente saudade de algum lugar, que você queria visitar?

Antonia: Um lugar que eu gostasse de voltar?

William: É. Mesmo que só pra visitar mesmo.

Antonia: Pra falar a verdade, só Anápolis mesmo. Gostaria de ver Dona Adélia de novo, se é que ela é viva ainda, não sei. E a Dora, minha prima, de vez em quando eu converso com ela no Facebook aí. Mas... Eu não tenho não. Tenho mais vontade de sair pra lugar nenhum.

William: São Paulo mesmo.

Antonia: São Paulo mesmo e pronto. Nem na praia tenho mais vontade de ir, a praia, não tem condições de você ficar à vontade na praia, né. Se você não tiver uma graninha você não pode ficar, então... Eu gosto mais de fazer um almoço na minha casa, fazer um churrasco e minha família estar toda junta. É o que eu tenho e sempre quis, é a minha família toda junta. Isso eu sou de família. Eu amo minha família e quero minha família toda junto. É isso em vida, fazer um churrasco, fazer um Natal, e estar todo mundo junto. Isso eu gosto. Isso eu amo de paixão, ter minha família junto. Minha mãe, meus irmãos, minhas irmãs, agora meus netos, meus bisnetos, nossa, eu amo, amo de paixão. Todo mundo. Não estou junto com eles mais por causa dessa coisa que veio aí, essa epidemia, isso que separa a gente, né. É, eu amo demais a Cida, minha irmã, meus cunhados, amo muito mesmo.

William: É, mas se Deus quiser logo passa a pandemia...

Antonia: Se Deus quiser vai passar e a gente vai estar junto.

William: Amém.

Antonia: Eu gosto muito. Gosto. Nossa, e meus sobrinhos... Tudo, tudo, tudo eu amo. Eu quero aqueles que me querem. Os que não querem, não tem problema, a gente perdoa do mesmo jeito. Não tem que levar tudo a ferro e fogo, né? Tem que dissimular muita coisa, que família é assim. Você não acha que é assim?

William: Sim.

Antonia: Né? Eu amo muito.

William: Bom, mais alguma coisa que a senhora quer falar?

Antonia: Você que sabe, se tem mais alguma coisa...

William: Eu já perguntei tudo, se a senhora quiser acrescentar mais alguma história que você quer contar?

Antonia: Não, se eu for contar mais, menino, aí... não. Já contei da roça, como é que a gente vivia, como é que a gente sobreviveu, né. Aí eu graças a Deus sou casada com meu marido já vai fazer cinquenta e três anos, e estamos aqui. Os dois juntos. Em dezembro vai fazer cinquenta e três anos que nós somos casados, teve junto, um fica doente, o outro ajuda, às vezes tem uma coisinha aqui, outra coisinha lá, a gente levanta o outro, não deixa cair, ele tá doente, tá de cama, a gente tá cuidando, eu graças a Deus fui enfermeira e tudo de todo mundo aqui, graças a Deus. Me orgulho muito disso, de eu ter conseguido superar coisas que... A vida não é feita só de flor não. Tem muito espinho e olha os espinhos grandes que tem. Tem que desviar dos espinhos e ter muita flor. Porque se você for em conversa de vizinho, conversa daqui ou conversa dali, você não vai pra frente. Não pode dar ouvidos pro que os outros falam lá fora não. Vamos captar só nossa família de dentro de casa e pronto. Do portão é outra coisa. Não é? Isso não é verdade?

William: É.

Antonia: É, e a vida não é só de flor, é cheia de espinho. Altos e baixos. Mas a gente tem que ter os pés firmes no chão, pensamento firme e a fé em Deus. Fé em Deus, pensamento positivo e os pés firmes no chão. E estamos aqui. Eu tenho minhas filhas, minhas irmãs, tenho tudo, meus sobrinhos. Amo de paixão meus sobrinhos, todos eles, tá? Incluindo você. É meu sobrinho, é, claro, é meu sobrinho, né. Todos. Eu sou assim. Se você acha que eu fui sincera, no que eu falei.

William: Foi sim, tia.

Antonia: Obrigada!

William: Obrigado! Obrigado você, viu?

Antonia: Ah, imagina. Se puder falar mais alguma coisa é só falar.

William: Muito bom poder falar com você e... agradeço de verdade.

Antonia: De nada, tomara que sirva.

William: Serve, serve sim. Está ótimo. Vou encerrar aqui então.